

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano III—Numero 144

Preço avulso 1 Escudo

12 Páginas

O DOMINGO

SEMANARIO
R. D. PEDRO V. 18
TELF. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



O grande mistério dos Paineis!

Dona Catarina? São Vicente? O Infante Santo? Homem? Mulher? Eis o misterio que envolve a figura central desta página e... quasi envolve á pancadaria alguns criticos de arte que têm dado, durante semanas, nos jornais de Lisboa, o mais triste espectáculo de senhoras vizinhas e de ridiculas intrigas de bairro de que ha memoria.

ASSUNTO MUITO GRAVE

Temos o maior respeito pelas corporações de bombeiros. Folheando a colecção deste jornal se verá as paginas de honra e as referencias sempre elogiosas que lhes temos feito.

Somos, por, tanto, insuspeitos. O que porem se deu connosco na tarde de 4.ª feira 12 merece que escrevamos serenamente estas linhas, para que elas cheguem ao conhecimento de quem de direito.

Após o violento temporal que assolou Lisboa, rebentaram muitos canos na cidade. Dentro das salas onde está instalado o nosso jornal rebentou o cano de esgoto que corresponde a todas as moradias dos andares superiores. As salas inundaram-se, a uma certa altura, de todas as imundicias. Noutro ponto, o cano entupido não permitia o escoamento das aguas. A cada nova chuva do nível da cheia aumentava. O cheiro pestilento sufocava. Corremos á estação proxima dos bombeiros. Vêo um, meteu a mão num ralo e foi-se embora. Que não era com eles!—respondeu. Voltámos á estação. Pedimos que ao menos rebentassem o cano no sitio onde estava entupido, para que a cheia não aumentasse e os detritos tivessem saída. Negaram-se! *Telefonamos para a central. As providencias foram nulas!!* Recorremos ao sub-delegado de saúde, atendendo á pestilencia perigosissima que invadia as officinas—tanto mais que com o se horio do predio ausente não podiam legalmente e sem essa sanção fazer obras por nossa conta. *Mas... a area onde estamos não tem sub-delegado de saúde!!*

Fômos á Delegação de Saúde. Fechada! Fômos ao Governo Civil—dali mandaram-nos para a 3.ª esquadra. O cabo tomou nota para comunicar o caso no dia seguinte.

No dia seguinte não compareceu ninguém da Delegação de Saúde!

24 horas com a casa inundada pelas imundicias dum cano de esgoto, com prejuizos de milhares de escudos, e sem que alguma autoridade nos protegesse, sem que os bombeiros, dispondo do material e do pessoal precisos, (que os vimos tranquilamente durante a cheia no quartel que dista da nossa casa cem metros) quizessem salvar os haveres dum habitante que afilivamente lhes pedia socorro!

Acaso o incendio é apenas o perigo? Acaso não perigava a saúde de operarios, no meio duma imundicie que envenenava o ar? Não sabemos o que compete aos bombeiros. Sabemos que numa situação ofensiva, em que nos podiam salvar—se negaram a fazê-lo! Sabemos que recorrendo á Policia, ás Delegações de Saúde, a todas as casas de hygiene e de protecção sanitaria da população, estivemos 24 horas numa situação que não desjamos aos nossos piores inimigos.

Que diz a isto o sr. ministro do Interior? Que diz a isto o sr. comandante dos bombeiros?

CONHECIDOS



—O' amigo Silva, não se lembra já de mim? E' assim tão pouco previsto?
—Sou muito previsto, mas não sou o amigo Silva.

NOVIDADES E NOTICIAS D'AQUI E D'AQUILA.



Por FELICIANO SANTOS

A sarrafusca dos paineis

O caso da semana continuou a ser a magna sarrafusca dos paineis. Todos os chefes dos grupos rivais teem comparecido, perante a reliquia artistica, recitando o monologo do "Hamlet". "Ser ou não ser... falso o documento, eis a questão". O documento dá vontade de que lhe chamem falso, por que appareceu muito romanescamente, muito dentro dum capitulo de novela á Sherlock-Holmes.



Apareceu, p r acaso, sob os olhos dum jovem descendente directo de personagens notaveis que figuram nos paineis, e precisamente no momento em que sobre estes ncidiam tantas discussões. Foi uma surpresa excessivamente teatral. Se tem apparecido daqui a vinte anos ou ha vinte anos, ninguém se lembraria de pôr em dúvida a sua autenticidade. Mas a vida de hoje, demasiado prosaica, não admite que uma parcela de romance e de imprevisito embelezze a prosa de todos os dias... No entanto, talvez os menos poeticos pudessem materilizar o caso, pensando que os ascendentes do sr. Freire de Andrade é que resolveram dar ao seu neto o direito de mandar á tabua todos os maçad. res das tábuas... Foram os espiritos c'esses nobres varões que atiraram o velho códice, com o precioso documento, para cima da mesa onde o jovem generalista investigava genealogias...

Anfitriões exemplares

A PETECIA-NOS imenso dizer "anfitriões", porque se trata das admiráveis "Dolly Sisters" as duas gêmeas, bailarinas e cançonetistas, que todo o portuguezinho viajado aplaudiu no "Casino de Paris". As Dolly conquistaram Paris, conquista dupla, conquista ao quadrado... Sempre frescas e deliciosas, estão podres... de ricas. Ha dias, inauguraram o seu novo palacio, com uma "soirée" deslumbrante, a que assistiu a "élite" do mundo teatral. No telhado do palacio ha um jardim chinês, em miniatura, que deslumbrou os convidados. Uma das Dolly—Jenny, a mais risosinha, trazia, ao pescoço e nos dedos, joias que valiam 20 milhões de francos, qualquer cousa como uns dezasseis mil contos! Mas o melhor é que as duas irmãs presentearam principescamente alguns convidados, ficando encantadas por elles levarem os bibelots que mais lhes agradavam. A seráfica Cécile Sorel levou uma colecção de cristais. Harry Pilcer, uma série de saleiros de prata representando varios animais... "Et ainsi de suite..."



Fim de festa...

HOJE, domingo, é "fim de festa", da festa de verão (com praias, banhos, areias, pinhais, jogos de toda a especie—) para centenas de rapazes e raparigas que, amanhã, 17 do corrente, vão sentar-se de novo nas bancadas escolares, ouvindo palavras solenes de professores que, no primeiro dia, fazem só um pe-

queno discurso de incitamento ao estudo...

Acabaram-se as férias grandes, sempre tão pequeninas.

E é tão difficil a transição brusca da extrema ociosidade para a extrema accumulção de afazeres! Porque, entre nós, ha dois axiomas pedagogicos: Nas férias, não se estuda. Nos programas, mete-se tudo, e nas cabeças dos alunos encaixa-se o mais que fôr possivel...



Pois o dia de hoje não é alegre, para muita gente meada... Lembremos, principalmente, com respeito, os pobres caloiros do Colegio Militar, a quem arrancam do ninho, e os peizetes que saíram do collegio e das mãos da mestra primária para o liceu, onde vão apanhar alguns "caldos" e aturar um grupo de homens, com aspecto de velhos, a falarem-lhes de cousas novas...

As aves e as crianças

HA tempos, num canto da Suíça, durante uma forte geada, muitas andorinhas caíram por terra, quasi mortas. No dia seguinte, as escolas officiaes deram feriado, para que os pequenitos fossem apanhar as andorinhas doentes, que procurariam salvar, restituindo-as, depois, á liberdade.

Recentemente, durante o "dia das aves", em Moscou, as crianças das escolas andaram pendurando ninhos artificiaes nas arvores, para facilitar a vida de muitos casais emplumados. Isto foi na Russia dos fulamentos politicos.

Vê-se que as aves—símbolo de maxima graciosidade alada e fragil—servem ás mil maravilhas para incutir nos espiritos infantis o culto pela beleza innocente. E' possivel que, daqui a anos, já não haja crianças que roubem ninhos, nem homens que ceguem as aves cantoras.



A exposição de Ex-Libris

A exposição de "ex libris" marca um grande acontecimento artistico, de alcance mundial, ao mesmo tempo que representa um belo testemunho de quanto pode o espirito de iniciativa dum pequenino grupo de homens estudiosos e amigos da arte.

Encerra especimes da mais alta expressão da arte moderna. Pode servir de lição a certos desenhadores rotineiros, que ainda não tinham descoberto as novas exigencias do gosto contemporaneo. Algumas colleções estrangeiras, expostas na Imprensa Nacional, devem

ter deixado surprezos os que marcaram passo, caminhando para a frente, mas de costas voltadas para o Futuro. Verdade seja que lá tambem se encontram alguns belos desenhos de portuguezes que já acertaram o passo com a marcha do Tempo.



ESTA infeliz questão dos paineis (não direi de que Santo, para não parecer que arremigmento em qualquer das facções em luta) tem revestido, na verdade, um cunho profundamente nacional, não tanto pela reivindicação que se pretende, chamando as tabuas pintadas a uma escola de pintura portuguesa, como pela forma por que, duma maneira geral, tem sido tratada e conduzida.

A tensão arterial, que parece ser doença comum a todos os portuguezes, trazendo-lhes á guelra o sangue em catadupas, até nesta mera questão de estudo e gabinete tem produzido os seus efeitos de accleração dos temperamentos empenhados na discussão, pondo violencia onde devia haver ponderação e substituindo as razões bem fundamentadas por "piadas" mais ou menos felizes, aquellas "piadas" que são o "finis coronat opus" de todas as questões trazidas para a publicidade dos jornais ou para o soalheiro dos cafés.

Nós adoramos a "piada" e por uma deltada a tempo sacrificamos até a razão mais sólida ou o argumento mais irresponsivel. A nossa Historia está cheia de situações resolvidas com replicas felizes, umas vezes tragicas, outras amenas e sem mais consequências do que um sorriso propagado através dos séculos e das gerações. Para me não acusarem de fantasista, que evoca a Historia e não a cita, lembrem-se de cor e sem folhear ao menos um compendio as seguintes "piadas" historicas:

D. João II, sabendo pela sua policia de informações que o seu primo, o Duque de Viseu, lhe preparava, com outros nobres e altos clerigos, um respasso em boas condições para o outro mundo, convidou-o para tomar chá nos paços de Setubal e interpela-o: —Primo e amigo, se soubeseis que algum vos queria matar, o que fazeis? —Matava-o primeiro!—volveu, com toda a convicção, o nobre Duque, esquecendo que não o poderia matar "segundo". —Disséstes!—rematou D. João II, puxando da adaga e cravando-lha semcerimoniosamente no peito.

E' um exemplo da "piada" tragica. Outro, mais ameno. Afonso d'Albuquerque, depois da conquista de Ormuz, recebendo os embaixadores do soberano, da Persia, que lhe vinham exigir o tributo que a cidade conquistada usava pagar e mostrando-lhes espadas, partzanas, adagas, machados e outro instrumentos aggressivos: —E' esta a moda com que o rei de Portugal usa pagar os seus tributos!

E', incontestavelmente, uma boa "piada", que ainda tem mais a valorisa-la o aspecto charadístico que reveste.

O Marquês de Pombal, respondendo ao Embaixador espanhol, que o ameaçava com o poder de mil exercitos: —Um homem em sua casa pode tanto, que mesmo depois de morto são pre. isos quatro para o tirar de lá...

... é tambem uma riquissima "piada", que, no conceito do portuguezinho delirante pelas "boas saidas", bastaria para justificar o monumento que não ha meio de fazer crescer na Rotunda, em honra do grande Sebastião José.

Nem se torna necessario citar mais exemplos, em reforço do cunho nacional que a questão dos paineis traz impresso, desde o seu inicio. O fecho, o rematesinho tão gosado pelo temperamento portuguez, teve-o a questão famosa, agora, com o documento "autenticamente falso", como dizia o outro.

Quasi ia apostar que o autor da "partida" anda mesmo a ferver de impaciencia por declarar em publico e raso: —Essa "piada" é minha!

E gosar, depois, deleitado, a apoteose nacional...



Este numero foi visado pela comissão de censura

HUMORISMO



PO R XISTO JUNIOR
TEMPORADA DE CAÇA

HA na minha vida uma paixão, que eu considero tão séria, que nunca ousei comunica-la aos meus leitores nesta prosa amena que, na opinião dos peritos, não vale menos do que a do falso documento autêntico do Geral dos Loios a respeito dos painéis de ex S. Vicente, ex-Santa Catarina e ex-Infante Santo.

Sim, meus senhores, eu tenho uma paixão absorvente: a da caça!

Comecei, em pequenino, por caçar a desprevenida mósca, que esvoaça e adeja nas vidraças, nas tardes de sol e mósca, e acabei por caçar o rinoceronte azul da Papuasía, o tigre de Gabardine, muito mais feroz que o de Bengala, o elefante branco de Sião e o hipopotamo ás riscas que vive no Alto Congo e que é de alto lá com ele.

Todos os anos, quando se aproxima a abertura da caça, a minha impaciência não conhece limites. Chego a sonhar com perizes e coelhos e já numa noite me levantei, puz a espingarda em bandoleira, assobiei ao meu perdigueiro, saí á rua e batendo as palmas ao guarda nocturno intimei-o a que abrisse a caça com a gazua das grandes ocasiões.

E' natural que um devoto de Santo Huberto (como se diz no «Diário de Notícias») da minha força tenha muitas aventuras de caça para contar e já que cacei os leitores desprevenidos vou impingir lhes algumas histórias, absolutamente inverosímeis, como cumpre a historia de caçadores.

Uma vez, eu, o Lopes e o Nunes decidimos ir á Índia caçar o tigre, para matar o tempo e algum bicho que apparecesse. Metemo-nos num electrico para Belem, apeámc-nos na Junqueira e, atravessando o areal, tomámos pela Avenida da Índia, a pé e de espingarda na mão.

Ali por alturas do Bom Sucesso succedeu-nos dar por falta do Lopes. Assobiamos, gritamos por ele, procuramo lo dentro dos bolsos e nada de Lopes. Voltamos sobre os nossos passos e, quasi em frente de Belem, depa-rou-se-nos um quadro horrível: um



tigre real, certamente atraído pelas convicções republicanas do nosso pobre amigo Lopes, estava devorando o infeliz moço com a semcerimonia de quem come arroz de manteiga.

O pobre Lopes, já meio comido, ainda teve coragem para nos recomendar:

—Previnam a família, por causa do seguro de vida.

E desapareceu na guela da fera.

Eu e o Nunes increpámos então violentamente o tigre pelo seu incorrec-

to procedimento e enquanto o Nunes corria ao telefone, a dar a triste noticia á familia do Lopes, eu não me contive e matei o tigre com um tiro na boca, aproveitando o momento em



que ele bocejava de farto. Entretanto o Nunes voltava do telefone, com a resposta da familia:

—A mulher do Lopes pede que se lhe despachem os restos mortais do marido, em grande velocidade.

Cumprindo esta respeitavel vontade da inconsolavel viuva, puzemos umas argolas de prata no tigre, cobrimo-lo com um pano franjado a ouro e remetemo-lo para Lisboa, em vagon armado em camara ardente e com um bilheteinho a explicar:

«Com os nossos mais sentidos pesames, enviamos os restos mortais do seu infeliz marido e nosso malgrado companheiro. Por a fera não ter tido tempo de fazer a digestão, o Lopes vai dentro do tigre.»

Eu tenho tido varios cães (não me envergonho de o confessar, porque todos os temos, a começar pelo Estado), mas de nenhum tenho tão gratas recordações como do *Finorio*, um *seler* atravessado de perdigueiro e com costela de *fox*, que adivinhava caça a tres leguas de distancia.

O *Finorio*, durante o tempo do defeso, era o meu companheiro constante de passeio. Uma tarde estava eu no «Mar-

tinho,» em cavaqueira com uns amigos, quando o *Finorio* investe para a vidraça e «amarra», com as ventas fixas no caixilho e na direcção dum sujeito, que da banda de fora, na *terrasse*, tomava o seu café.

—Que tem o cão?—preguntaram-me os amigos.

—Farejou caça!—expliquei eu.

Com efeito, afirmando-nos melhor, verificámos que o sujeito que o *Finorio* fixava era o conhecido maestro Alves Coelho.

Eu sou uma pessoa excessivamente distraida. Ora este meu *Finorio* conhecia o meu defeito e procurava remedialo sempre que podia e com grande intelligencia, como passo a demonstrar-lhes.

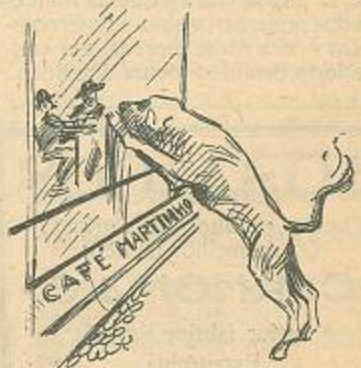
Uma manhã, *Finorio* foi na carroça dos cães, porque eu me tinha esquecido de lhe renovar a licença. Paguei a multa, resgatei o *Finorio* e tudo entrou nos eixos.

Como o *Finorio* era grande apreciador de pasteis de nata, eu dava-lhe, de vez em quando, cinco tostões para ele matar o vicio. *Finorio* corria á pastelaria, comprava o seu pastel e vinha comê-lo para casa, porque é um cão muitíssimo aceiado e não dispensa o guardanapo ás comidas.

Ora, desde o caso da carroça, eu comecei a notar que, sempre que lhe dava dinheiro, o *Finorio* não corria para a rua, antes pelo contrario, dava umas voltas para disfarçar, enfiava pela porta do quintal e desaparecia. Intrigado, segui uma vez o cão e com grande surpresa viu-o enterrar o dinheiro num recanto do quintal.

Pensei que o *Finorio*, como era, fazia economias, na previsão duma velhice complicada de dificuldades financeiras. Só mais tarde, porem, tive a explicação do extranho procedimento do cão, quando o vi ir desenterrar o dinheiro e correr á Camara Municipal, a tirar a licença, que eu mais uma vez me esquecera de renovar.

Ha dois anos tive por companheiro de caçadas, no Alentejo, um médico



que é um excelente profissional e um pessimo caçador.

Durante quinze dias o meu companheiro disparou centenas de tiros e não abateu uma só peça da caça.

Desesperado, aborrecido, o infeliz caçador anunciou-me uma noite:

—Ha duas semanas que não mato nada... Parto amanhã para Lisboa e roto a clinica.

—Isso é que vai ser uma desforra! —conclui eu.

Má Língua

Quadras à machina... de costura

(Para a eleição de O DOMINGO ILUSTRADO)

*Digo-te tudo sem medo
de que contes o que eu digo
quando sabes um segredo
côse-o sempre comigo...*

*Costureira, costureira,
porque é que não tens rival
na crueldade certa
de dar um ponto final?*

*O meu ciame é uma espada
sempre erguida, sempre alerta,
que na tua alma indomada
encontra a bainha aberta...*

*Ramiro amava M. nuela
do fundo do coração.
—“Tu és homem”, —volveu-lhe ela—
“quero um Ramiro... Leão!”*

*Tens uma linda vivenda:
móveis caros, tudo “fixo”.
Se calhar, pedes a renda
a um amigo de Peniche.*

*O amor de uma costureira,
seja ardente seja frio
é uma illusão ventureira
que está sempre por um fio.*

*P'ra que o vinho entontecesse
bastavam mínimas doses
se toda a gente o bebesse
no dedal com que tu côses...*

*Quem te vir, teima, e não erra,
que casamento ou mortalha,
por mãos de fada, na terra
melhor que no céu se talha.*

*Esses olhos que tu tens
—vi-te descer ha beccado—
são uns grandes armazens
dos olhares do chiado!*

*Dei-lhe um beijo no cabelo.
Lançou-me, o olhar em fagulha:
—“Mais cedo passa um camêlo
pelo fundo de uma agulha!”*

*Que importa se me apunhala
com venenosos punhais?
que importa? Ningum a egualia
a dar pontos naturais!*

*Eu não falto ao prometido
seja qual for a razão;
se tirares o vestido
respeito a combinação...*

*Mal de amor, dor imprecisa
que quando doer, perdura,
ferida que cicatriza
mas deixa sempre costura.*

*Deixou-me. E entendi, ao cabo
de mezes em que andei tonto;
em sou um pobre diabo
e o outro era um bom ponto.*

*Côse-me este botãosinho
com essas mãos tão goitosas;
leva algodão de carrinho
mas deve cheirar a rosas.*

*—“Desdenhaste do caixiro?”—
—“Desdenhei. Não me convinha.”—
—“Porquê? Por não ter dinheiro?”—
—“Não senhor. Por não ter linha!”*

Curiosidades

POLÍTICA E AMOR

Segundo os jornais japoneses de há trinta anos, as crises ministeriais tinham, nessa época, na Coréa, as mais estranhas consequências na vida conjugal do chefe de Estado. Parece que o imperador era obrigado a mudar de mulher cada vez que mudava de ministério. No entanto, podia voltar a ter os mesmos ministros e a mesma esposa. Deve-se acrescentar que, na Coréa, as crises ministeriais não eram tão frequentes como em certos países que todos nós conhecemos... Davam-se com intervalos de cinco ou seis anos.

BONECAS VIVAS

Lavra grande agitação entre as duas mil raparigas que exercem o mister de «manequins», em Viena de Austria. Neste país todos os empregados tem direito a ganhar catorze ordenados mensais, durante o ano: um ordenado suplementar para as férias de verão, e outro para as do Natal. O proprietário duma grande casa de modas recusou-se a pagar aos seus «manequins» esses ordenados suplementares, e, perante o tribunal a que foi submetido o caso, alegou que não considerava as reclamantes como empregadas, porquanto nesta expressão está incluída a idéia de «uma certa inteligência técnica», a qual os manequins não possuem, pois não passam de ser umas «bonecas vivas». E' facil calcular os protestos que levantou uma tão ousada classificação. Os dois mil «manequins» de Viena vão realizar um colossal comício de protesto.

A RIBEIRA DOS LIRIOS

Na Ilha Bermuda ou Minland, uma das que formam o arquipelago das Bermudas, descoberto pelo navegador espanhol Juan Bermudez, no seculo XVI e hoje pertencente á Inglaterra, existe uma ribeira conhecida pela «ribeira dos lirios», devido ao facto de estas flores cobrirem sempre, com a sua incomparavel alvura, a superficie das aguas, que perfumam intensamente. E' nessa ribeira que as mulheres da ilha preferem banhar-se, oferecendo, com a sua carne morena, um contraste forte perante a alvura dos lirios..

MOSAICOS

A maior produção de Portugal
Os de melhor fabrico

GOARMON & C. A

A maior fabrica do país
Escritório:

Travessa do Corpo Santo, 17, 19
e 21 — Rua do Corpo Santo, 32
LISBOA

Azulejos—Louças
Sanitarias Cimentos

OUTROS MATERIAIS DE
CONSTRUÇÃO

Pedir catalogo e preços
Telefone C. 1442

SENSAÇÃO!

O novo grande exito
do
«Domingo Ilustrado»

Novas quadras para o CONCURSO

Qual a
costureira
mais bonita?

Continuamos hoje a publicar as quadras que enaltecem a beleza das nossas costureiras gentis.

Lamentamos que a falta de espaço nos não permita inserir todas as quadras recebidas até á hora do nosso jornal entrar na maquina.

Compreendeu o publico a natureza do nosso concurso. As quadras que reclamamos devem ser exactamente assim, singelas, sem preocupações de literatura.

A sua graça reside na espontaneidade com que são compostas e não nos primores literarios com que pretendam ataviá-las.

Podem concorrer, portanto, todos aqueles que num minuto de inspiração desejem proclamar a beleza, a graciosidade, os atractivos da

Costureira mais
linda de
Portugal

As quadras poderão vir acompanhadas de uma fotografia da costureira preferida, o que não impede que o «DOMINGO ILUSTRADO» envie os seus Reporters fotograficos aos ateliers, a fim de fixarem as expressões das COSTUREIRAS cujos encantos vão sendo celebrados no nosso Concurso.

A' irrequieta I. M. S.

*Não sei se és linda, se és feia,
Tanto a meus olhos te encobres...
Apenas sei que és candieira
Numa casinha de pobres!*

*E não te chamo sereia,
Deusa, fada, ou mais ainda,
Porque tu podes ser feia...
—Para mim és a mais linda!*

SINCERO

A Virginia Tavares, do atelier Costa Junior—Lisboa.

*olhar da Morte fôsse
Como a luz do teu olhar,
Achava a Morte tão doce
Que me deixava matar.*

J. N.

UM AUTOMOVEL
HISTORICO

O automovel historico em que foi morto, em Serajevo, em 1914, o arquiduque Fernando de Austria parece que traz consigo uma invencivel fatalidade. Foi dentro d'ele que teve lugar a morte que causou mais mortes, porquanto foi o assassino do herdeiro de Austria que desencadeou a grande guerra. Vendido treze vezes, depois desse acontecimento, provocou quinze desastres, dos quais treze foram mortais. Todos os seus sucessivos proprietarios foram vítimas de desastres. O ultimo, um negociante hungaro de Tzegedin, morreu tragicamente, durante uma excursão.

A TERRA E OS HOMENS

O dr. Paul Neyl, da Repartição tecnica demedidas, nos Estados Unidos, chegou a calcular, depois de estudos que duraram três anos, o peso total do nosso planeta em relação com o de toda a humanidade. O globo terrestre pesa 6 trillões de toneladas e o peso da humanidade é apenas de 97 biliões de quilos. A relação entre o peso colectivo da humanidade e o do globo é de 1 para 61 biliões, ou seja, o mesmo que o peso dum grão de areia em relação com o dum «fura-ceus» de Nova York. Os homens são menos que um paraisita sobre a superficie do planeta.

VARIAS CURIOSIDADES

—Em Paris, no Restaurant Gibelin na rua Caumartin, esteve exposto, recentemente, um cacho de uvas que pesava 17 quilos e 350 gramas.

—Um architecto francês pôs agora em execução o projecto duma casa de campo edificada sobre uma placa giratoria, que permite, graças a um mecanismo apropriado, que o edificio esteja sempre orientado de moneira a receber o sol.

—Em Londres está exposta uma reliquia japonesa tecida de cabelos de mulher e muito resistente. Pesa 5 quintais e mede mais de 200 metros de comprimento.

—No Sul da China ha uma cidade com mais de 2.500. anos, que poderia bem chamar-se a Veneza Asiática. E' a cidade de Sou-Tchou, construido sobre a agua, entre canais atravessados por pontes de delicadas arcarias.

—Em 1907, quando as canetas de tinta permanente ainda não tinham grande voga, as fabricas inglesas produziram penas de ouro só na importancia duns trezentos contos portugueses; hoje, produzem-nas numa importancia superior a quatro mil contos.

EMISSOR HUMANO

O cerebro humano emite ondas magneticas. Um sabio até já descobriu que o comprimento dessas ondas estava compreendido entre 4 e 100 metros. E' possivel que daqui a poucas dezenas de anos esteja inventado o aparelho receptor que permita colher essas ondas e descobrir os pensamentos de cada qual...

Aos lindos olhos da gentil Ema—do atelier de D. Ana...

Teus olhos, negros, brilhantes, vivos, belos, expressivos, são os senhores dominantes de todos os meus sentidos.

ANTD'EER

A' linda costureira Ofélia — Alfaiataria "Smart". Rua de São Pedro de Alcantara—Lisboa.

Com uns tais olhos de anil e graça tão ideal, não ha outra mais gentil do que tu, em Portugal.

Feliz de quem te namora, feliz daquêle que um dia, enquanto a minh'alma chora, te beijar com alegria!

UM CARDO DO CAMINHO

A' minha querida Maria Emilia costureira da Casa Africana.

Ao ver teus olhos profundos, Tua boca tentadora, Penso viver noutros mundos: Eu escravo e tu senhora!

ANFO

A' Maria Madalena. Costureira —Grandela. O teu olhar, teu sorriso São de uma tal doçura Que ao perto são paraiso e afastados amargura

EDUARDO FERNANDES

A uma ingrata do olhos tristes. Palmira de Sá, costureira do Eduardo Martins. O teu olhar sempre triste Ha muito que faz pensar Quem é o feliz que existe Que tanto te faz chorar?

Talvez alguém que dispense O amor que lhe queres dar E eu que só em ti penso Só me sabes odiar

ALGUEM

A' bela costureirinha Nini Saude (trabalha em casa).

Nas tuas delicadas mãos Tens cinco dedos fininhos Cada dedo é uma fada A bordar panos e linhos.

EPAMINONDAS

COLETES Á «TIVOLI»

em lã, o que ha mais chic para senhora a 39\$00!!

Sortido completo em meias de todas as côres desde 6\$50

Camisaria Tivoli

Rua do Ouro, 93

Telef.: C. 1359

CANDEEIROS DE ELECTRICIDADE

Chegaram lindos modelos ao

BICO NACIONAL AUREO, L. DA

Rua 1.º de Dezembro, 35 e 37

O DOMINGO
Ilustrado

TEATROS

HUMORISMOS

TUDO NOS SEUS LUGARES!...

Como funcionam as companhias no inverno

Já vieram as primeiras chuvas e a época teatral ainda não começou. Mas prevê-se um grande cataclismo que vai pôr tudo nos seus lugares. O teatro vai voltar á posição primitiva. E assim é que ele fica direito, porque, aqui para nós, o leitorizinho, está tudo de pernas para o ar. Tem havido reuniões magnas da classe e como ninguém tem vaidades, resolveu-se dissolver as presentes companhias e organizar outras. Eis a lista da futura temporada de inverno.

SÃO LUIS—Alta comedia. Elenco: Adellina Abranches, Lucilia Simões, Ilda Stichini, Luz Veloso, Palmira Bastos, Chaby Pinheiro, Antonio Pinheiro, Carlos Santos, Erico Braga, Alexandre de Azevedo, Antonio Sacramento, Carl s' Oliveira, etc.

A estreia, com um novo original de Ramada Curto.

TEATRO NACIONAL—Fechado temporariamente.

TRINDADE—Opereta. Elenco: Almeida Cruz, Armando Vasconcelos, Alves da Silva, Carlos Orrico, Antonio Gomes (da Trindade) Auzenda d'Oliveira, Aldina de Sousa, Tereza Taveira, Cremilda d'Oliveira, Sofia Santos, etc.

Peça de estreia: Uma opereta de Campos Monteiro, musica de Nicolino Milano.

GINNASIO—Comedia e farça. Elenco: Aurea Abranches, Maria Matos, Joaquim Almeida, Augusto Machado, Alegrem, Vasco Santana, etc. Peça de estreia, uma nova comedia de Eduardo Schwalbach.

EDEN-TEATRO—Revista. Elenco: (Por ordem alfabetica, para não se zangarem.) Alvaro d'Almeida, Carlos Leal, Estêvão Amaranante, Nascimento Fernandes, Deolinda de Macedo, Laura Costa, Lina Demoiel, Luisa Sanelana, Tereza Gomes, etc.

A estreia, com uma revista de vinte escritores.

POLITEAMA—Aguarda-se a vinda de várias companhias estrangeiras

AVENIDA—(género Palais-Royal) Amelia Pereira, Elisa Santos, Henrique d'Albuquerque, Joaquim Prata, Samuel Dinis, etc. A estreia, com uma peça de Feliciano Santos.

APOLLO—Drama. Elenco: Berta de Bivar, Palmira Torres, Amelia Trajano, Ofélia Brochado, Alves da Cunha, Augusto Torres, Valerio de Rajanto; etc.

A inauguração, com a reprise da «Taberna».

FOZ—Notabilidades estrangeiras. Sketches. Em fim de festa, a imperatriz do «couplet», Hortense Luz.

MARIA VITORIA—«Cabaret» por conta da cervejaria Estrela.

VARIEDADES—Ocupado pelos grandes escriptores da empresa Galhardo.



O DIAGNOSTICO DA CRISE

CRISE de teatro!—é o titulo, o comentario, a frase invariavel assinalada a negro de todos os que escrevem ou discreditem com mais ou menos prosapia sobre a materia. Os argumentos são sempre os mesmos: ambição dos artistas, divisão das companhias, inferioridade das peças. Estão certos. E' possível que sejam os principais—mas não são os unicos. Outros causas mais subteis, e talvez menos superficiais minam de ha muito os fundamentos do nosso teatro.

Atribui-se aos dirigidos culpas que só pertencem aos dirigentes. Nunca se focou, em plena luz, certos teatros que se dizem empresarios: as suas obras, os seus processos, os seus estratagemas. A eles se deve a perversão da alma das plateias, a monotonia dos autores, o fracasso de muitas tentativas. O primeiro caso é o mais grave. O que toca mais de perto a imparcialidade dos que escrevem e assistem impotentes ao que foi derrocada ha dois anos, diluvio ha um—miseria tragica neste final de 1927. O publico para esses teatros é uma entidade anonima, sem características de beleza sobre o qual é facil especular, obrigando-o, com ciladas de reclame, a desvendar o mistério dum titulo sugestivo e tantas vezes prohibido... Um só basta para dominar todos os outros ou conseguir com o auxilio dos seus afins, uma complicada teia, onde tudo cai: poeira, detritos, ouro, esforços alheios, iniciativas isoladas. O seu poder de concentração, de assimilação, e de digestão tem qualquer coisa de fenomeno. E' como o polvo: basta estender os tentaculos; turvar a corrente para que a victima se aproxime julgando atravessar agua limpida. O combate é, muitas vezes, sinistro e sombrio. Não há um ruido. Quando muito o agitar e o desaparecer dum naufrago,

Ai daquele que se revoltar contra esses individuos que de empresarios só tem o nome. Lutará dia a dia, se não quizer morrer. Só vive quem fizer da sua intiligencia uma escudo e da sua honestidade uma arma. E mesmo assim.

O ponto essencial deste artigo é congregar a boa vontade dos autores—, no sentido de renovar, moralmente e artisticamente o teatro portuguez. E' preciso fazer dele alguma coisa mais do que uma escandalosa pornografia, sem gramatica e sem desenho, que qualquer assina.

Como?

Cohibendo o numero dos que se dizem autores; não consentir que determinados empresarios modifiquem a obra teatral, apoiando-se numa falsa vizão ou num orgulho ignorante; obrigar cada empresa a explorar um genero invariavel; exigir ensaiadores de merito reconhecido, onde os artistas ocupam esse posto;—e por ultimo—abandonar a peça de fancharia popular, ressuscitando o drama e a comedia, agora em agonia, pelo excesso de espectaculos musicados.

E' um programa?

Não é!

Traçado sombriamente o diagnostico era preciso apontar os remedios. A salvação ainda é possível. Basta que os medicos substituam os charlatães. O doente reage—reagirá!

ARTUR PORTELA

A grande actriz Ilda Stichini parte brevemente para as ilhas, onde é ansiosamente esperada

Ilda Stichini, flor plenamente desabrochada duma sociedade radiante, actriz cujos meritos estão acima dos reclames correntes, gloria purissima e indiscutivel duma geração, e que por si só, justifica um espectáculo, parte brevemente para as ilhas.

A sua arte apaixonada, portuguesa e simples como a de nenhuma outra artista, ar-e onde passa a doçura de Virginia e a cristallina frescura de voz de Rosa Damascino, a actriz que foi a mais admirada de Eduardo Brasão, a mais acarinhada com devoção por José Ricardo, a ex-primeira societária do Teatro Nacional, cujo brilho heroicamente sustentou, Ilda Stichini, a actriz dos novos, a actriz das senhoras, a actriz de geração, como já lhe chamaram, parte para as ilhas.

Que as ilhas a recebam—como o merece esta gloriosa artista!

Um nome a destacar



CARLOS ALVES

O querido artista comico que botve no Foz na revista «Chave d'Ouro» um esplendido successo, desempenhando os papeis de «El cabo primero» e «Patriota Assanhado».

Odéon

Um cinema digno de uma grand. capit. de espectaculos modernos, confortavel, de visco bizarro. Odéon exhibe as mais notaveis super produções da grande fabrica Americana «Motro-Godwin Mayer». Os espectaculos do Odéon estão a marcar um aconecimento de elegancia.

Antiquidades

A' venda e em exposiçào no BRIC-A-BRAC ESTRELA. Calçada da Estrela, 57 (esquina da Rua Miguel Lupi)

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrace» agora arranjado de novo. O pai dos cinemas lisboetas. Optimos films, sempre variados e para todos os paladares do publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrência. Impitissima e elegante sala.

Politeama Avenida

Companhia Sanelana-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Alem de Amaranante—o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Sanelana, uma notavel actriz que renne o encanto duma mocidade fresca na «luc. parisiense de seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites «Agua-pé».

O Teatro Salfo Foz regressa á Revista com um magnifico elenco de genero musicado, sob a direcção de Holbeche Bastos. A estreia faz-se com a nova revuette «Chave d'Ouro» estando o desempenho confiado nos azes da revista Carlos Leal e Elisa Santos, e a outros admiraveis elementos.

Pathé Cinema Zoologico

Espectaculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco cinema de Lisboa. Alegria e arte.

O divertimento de grandes e pequenos. Preciosos exemplares da fauna de todo o mundo. O Jardim zoologico, com o atractivo da sua Aldeia dos Macacos iraguiada pelo lustre architecto Raul Lino, acha-se aberto todos os dias, das 10 ao por do sol.

VARIEDADES

O notavel tenor portuguez Alves da Silva organiza uma companhia de opera camira. A estreia, com a «Gran Duquesa de Oeroltseim» a famosa opera buffa de Offenbach, marcou o maior triunfo dos ultimos tempos. No Variedades, «A Gran Duquesa» repete-se todas as noites, com delirantes applausos a Alves da Silva, Raquel Barros, Fernanda Corte Real e a todos os artistas da companhia.

Apolo

Almeida Cruz volta ao seu teatro dilecto, agora navinho em folha, com as reparações mandadas executar pelo empresario Luiz Ruas. O Apolo está lindo. E' hoje o teatro popular de mais encanto, que Lisboa possui. Almeida Cruz representa com a sua excelente companhia «O Arco do Gogo» uma nova opereta de Alvaro Leal, musica de Raul Ferrão, destinada ao mais estrondoso exito.

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Films de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultima-men'e grandes transformações na sala e dependências de forma a torná-la a preferida do publico.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

Jeanne, a irmã mais nova de Córa, precocemente maliciosa, fingiu vender os olhos azuis com a concha da mão e espreitando por entre os dedos invadiu o bondoir, onde os dois amantes sofriam-se beijavam, na ardença da sua interminável lua de mel: —Desculpem... Eu não vejo nada... Córa perguntou: —Que queres? —Está lá fora uma senhora, toda vestida de negro, que deseja falar com Manuel... Manuel do Rosario abandonou a fô-



—Desculpem... Eu não vejo nada...

fidão das almofadas em que se estirara e fechando melhor o pijama listrado de lilás, quiz saber se a dama dissera o nome. —Não. Garantiu-me que não era necessário porque não a conheciam. Pela pronúncia parece estrangeira— deve ser mesmo espanhola, como você... Córa interveiu: —Que mania tens tu, Jeanne, de chamares espanhol ao Manuel. Manuel é português. —Ignorancia geográfica! casquinhou Manuel. E Jeanne, muito lépida, desculpou-se: —Quando se conhece a fundo a «geografia» de Paris—todas as outras «geografias» são inúteis. Jeanne partira—e a irmã, fitando o amante, indagou: —Quem será? —Alguns pedido de dinheiro... Quando mais depressa a despachar melhor... —E vais assim, em pijama? —Talvez não valha a pena vestir-me. Vamos ver primeiro o tipo que tem. Com a mão de Córa entre as suas, atravessou o corredor sem fazer o menor ruído e, cautelosamente, espreitou através do cristal da porta da sala. Mal sentada num «fauteuil», estava uma mulher morena, duma beleza que seria insignificante sem a ternura suave dos seus olhos negros e luminosos, mui pesados pelos vestígios de lágrimas recentes. Córa sentiu que as unhas de Manuel do Rosario, numa crispação nervosa, feriam a sua carne. Ergueu a cabeça—e viu-o palido de morte, mascarado de medo e de pavor.

—Que tens tu, Manuel?—segredou-lhe ao ouvido. E como ele não se explicasse, insistiu, desperta por uma suspeita; —Quem é essa mulher? Manuel do Rosario, como se uma crise de dispnéa o emudecesse, acenou-lhe, aflitivamente, que o acompanhasse. Ao regressarem ao «boudoir», apertou-a muito contra o peito e ante o pasmo de Córa, suplicou: —Perdão!... Perdão!... —Mas de quê, Manuel?... —Enganei-te sempre... Perdôa!... Foi por medo de perder-te... Nunca te disse... E com um grande esforço, revelou: —Sou casado... E ela... ela é minha mulher! E acovardado, olhou-a ansioso, devendo descobrir nas suas pupilas a colera que fulminasse, num momento, aquele doce idílio de três anos. Mas não. Córa estava serena; havia até, nos seus lábios, um sorriso de piedade, como se fosse dirigido a um bebé medroso: —Não tenho nada que perdoar-te, Manuel! Já eras casado, quando me conheste. Devias ter-me confessado. Julgaste-me mal, é verdade,—mas... deixa-lo. O que é preciso é definir situações. «Ela» veio naturalmente de Portugal para te arrancar dos meus braços. Vai falar-lhe. E acariciando os seios e abrindo muito os olhos numa expressão onde havia mais confiança do que orgulho, acrescentou: —Não a temo! Tenho a certeza que entre mim e ela não hesitarás. Vai... mas trata-a com misericórdia. Manuel animou-se; beijou-lhe as mãos, e partiu de novo para a sala. Córa recostou-se melhor, acendeu uma cigarrilha e abriu um numero de «La Vie Parisienne»...

Se um tumulto distante se tivesse aberto disparando para ali uma morte de ha muito—a surpresa de Manuel não teria sido maior. Sim. Era verdade. A' face da igreja—de uma igreja mui branca e simples de um bairro afastado de Lisboa—ele era casado. Desse passado ficara-lhe apenas a recordação dum namorico de rés-de-chão, na Estefania, o estrabismo do sacristão que ajudára ao enlace, umas «sandwiches» de pão de fôrma, do copo d'agua, a primeira noite, cheia de emoção, e, depois, o desfilar de trezentas noites, todas iguaes, silenciosas, iluminadas a gaz, até á hora em que a criada vinha dizer que «o chá estava na meza»; e depois a semi claridade da lamparina de azelite que, simultaneamente, ardia em volta da Nossa Senhora da Saude e que servia de «veilleuse».

Viera a guerra. Manuel do Rosario, tenente de artilharia, partira para França. Conformado até então com a ritmica monotonia da sua existência, o contacto com uma civilização desconhecida e a sacudidela violenta das batalhas transformou-o rapidamente. Conhecerá Córa, logo á primeira licença passada em Paris. Córa era dactilogra-

fa num escritório português. Airosa, loira, branca, «coquette», inteligentemente perversa, duma perversidade e duma intelligencia que ocultava uma surpresa em cada frase, um paraíso em cada gesto. Perseguiu-a, julgando talvez necessários meses de côrte, combates de escrupulos para a possuir. Admirou-se, ao vê-la ceder oito dias depois de se conhecerem e julgou-a então uma doídivanas inconsciente. Depois, na persistencia da sua ternura e da sua fidelidade, na sabedoria com que regulava a «chauffage» amorosa do falso lar criado, envaideceu-se, vendo se possuidor dum grande fenomeno de amor, dum corpo maravilhoso cobrindo uma alma d'exceptão... E terminada a guerra, libertado dos deveres militares, com um rendimento suficiente para se manter e mantê-la, mergulhou na estupidez daquela existencia dolorosa, envolvida de luz, de civilização, tomando em doses graduadas o mel dum amor quasi scientifico, á força de ser civilizado. Havia, pois, muitos anos que nada sabia da mulher; havia muitos anos que dela se esquecera...

Quando conheceu Córa, por tal forma se deixou monopolisar pelo espirito da amante, que suspendeu por completo a correspondencia. Aos primeiros meses, as cartas que recebia eram soluços de dôr ou exclamações de terror, alucinados, aflitivos. Depois começou a ignorar o que elas diziam —porque começou a não as abrir, a queimá-las—temendo que Córa as surpreendesse... Por fim fôra o silencio, o silencio absoluto, o silencio que blin-

—Maria... Ao ouvir o seu nome, a mulher estremeceu, como numa sacudidela electrica, e ergueu-se, impetuosa, com olhos a fogo-fatuares num mixto de alegria e de dôr, mãos estendidas e tremulas, como que tacteando no espaço a felicidade perdida. Ele compreendeu-a, e esquivando-se ao abraço esboçado, repetiu. —Maria... Mas Maria, abatida, fulminada pelo proprio esforço do seu impeto, caira de novo na cadeira, convulsionada por um choro invencível e inevitavel, num choro de rubrica. —Peço-te... Nada de scenas...—suplicou o marido, a quem o proprio nervosismo e a propria ansia de terminar depressa tinham dado uma severidade artificial.

A pobre devia ter entrado naquela sala fortificada por muitas ilusões—porque a segura de tom de Manuel cortou, de subito, o soluço e fê-la erguer a cabeça, e fixa-lo numa expressão de amargura e de desengano: —Manuel... Porque me tratas assim? Que te fiz eu? Que te fiz eu para procederes desta maneira?... Tem cuidado! E' impossivel que Deus não te castigue! Que lagrimas tenho chorado por tua culpa... Ha três anos que não respondes ás minhas cartas... Manuel teve um ligeiro gesto de impaciencia e interrompeu a: —Sossega e falemos claro. Para poupar-te palavras, vou sintetisar as cousas, pô-las no seu devido logar—sem pleonasmos, sem comentarios. Existe uma accusação que tens todo o direito de me dirigir: a de que eu procedi contigo com deslealdade... —Confessas?... —murmurou Maria, numa esperanca. —Digo deslealdade porque logo que senti extinguir-se em mim o pouco fogo que te aquecia—tinha o dever de avisar-te, libertando-te immediatamente. Um guincho alfinetou os ouvidos de Manuel. A mulher de negro, numa convulsão histerica, quizera impedir que aquelas palavras, mortais para o seu amor, fossem escutadas pelo coração.

Manuel entrara na sala sem fazer o menor ruído.



Perseguiu-a, julgando talvez necesarios meses de côrte.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

«OS PORTUOS DE PARIS»

«O NOSSO AMOR...»

Novela original e inédita REINALDO FERREIRA

Onde, no turbilhão da cosmopolita de Paris, passa, conturbada nervosa e viva do Reporter X, uma vida de emoção e de ternura.

Guinchara, tapara os ouvidos, fechava os olhos. —Não pode ser, Manuel, não pode ser. —Já te pedi calma. Se continuas nesse estado, calo-me e retiro-me. Que não! Que ficasse. Ela ia obedecer-lhe—como lhe obedecera toda a vida. Não fôra sempre uma esposa doce e terna, amando o suavemente, como uma «geisha» passiva? Mas não podia acreditar que aquele amor se estivesse extinguido, ao primeiro sopro duma aventura, ao primeiro contacto duma outra mulher—porque ela sabia tudo, «tudo»!

—Querias ser piedoso—afirmou Manuel—mas já que me obrigas a ser cruel, serei cruel... E cruzando os braços, auto-vagueando-se sempre, atravez do reflexo dum espelho fronteiro, como que um actor que estuda expressões e atitudes, declarou, monossilabando bem 'as palavras, que ali havia um erro—porque ele nunca a amara. Um equívoco, lamentavel de certo—mas menos grave do que lhe parecia a ela.

—Casei-me, porque em Portugal todos os homens se vêem na necessidade de casar mal lhe desponha o buço. Casei-me, vitima da «chantage» de amor que as portuguesas armam, para terem quem as sustentem toda a vida... Calou-se, arrependido. Fôra brutal. Maria escolhera-se toda, dorida, como se tivesse recebido uma chicotada. —E' mentira!—protestou ela depois. Casei-me porque te amava. Por te amar tenho sofrido inquisições que tu não mereces! Por te amar levantei a colera a teus pais, separei-me deles para sempre, porque, contra a sua vontade, vim até esta terra maldita, suplicar-te o regresso ao lar que abandonaste... sem razão alguma—porque nunca encontrei mais dedicada, mais fiel, mais atenta do que eu... Um acesso de dignidade aprumara-a, collocando-a, por instantes, na ofensiva. E Manuel, pensando perder terreno, elevou a voz, aumentou os gestos. E quê? Fôra-lhe fiel? Não o enganara nunca? Mas nessa virtude

havia apenas uma defeza ao seu egoísmo. Ela sentia-se bem naquella felicidade mariotonoma que ele lhe oferecia em Lisboa e sabia que para a manter era necessario ser-lhe fiel—e era-o sem sacrificio e, sobretudo, sem dificuldade. —E quê? repelia Manuel. Suponhamos que fui amado. Suponhamos que ainda me tens amor. E hei-de eu sacrificar-me ao teu amor? Hei-de eu perder a felicidade que conquistei porque sou amado por quem já não amo, porque minha mulher é honesta, boa dona de casa e sabe fazer, em maravilhas de culinaria, almondegas de coelho ou arroz dôce? Oh! Não! Não existe logica, na vida moderna, que obrigue um ente a perder o paraíso em favor dum capricho... —Ah! Manuel! Que teorias são essas? Vê-se á légua donde vêm! São teorias francescas, são teorias deste povo de... Manuel, surpreendido pelo palavrão que borbulhava nos labios puros de Maria, repreendeu-a: —Estás louca? —Não estou louca—estou desesperada! Tu entendes então que devo ser eu quem se sacrifique pela tua felicidade. E não é ela tão valorosa como a minha? Posso perde-la eu e tu não? —Sim, Maria, sim... Raciocinei. A minha felicidade não exige a escravidão de pessoa alguma! A tua exige a minha escravidão—porque se hoje voltasse para teu lado, amando outra mulher, tu talvez tivesses uma ilusão de felicidade—mas eu sofreria uma escravidão positiva, uma escravidão

—Não quero divorciar-me... Manuel, como se não ouvisse, prosseguiu, —E's nova, és bela—e em Portugal... —Não quero regressar a Portugal. Teus pais fecharam-me a porta. Ficarei em Paris... —Ainda melhor. Busca o amor e a felicidade onde os encontrares, e... Maria não pôde mais. Aquilo pareceu-lhe o ultimo momento; e abalando, de beijo tremulo, gritou-lhe apenas: —Deus ha de castigar-te pelas lagrimas que me tens feito chorar!

Foi no ultimo inverno—no Consulado de Portugal—três anos depois da vinda da mulher para Paris, que eu encontrei Manuel do Rosario. Nada havia comum dele com o tenente apertado que eu conhecera. Extranhei-o. Estava descuidado. A barba, feita por ele proprio, ficara por escanhoar. Roupa amarfanhada. Havia no seu rosto não sei que expressão de morfina, cidadão dum outro planeta, indifferente a todas as criticas humanas e a todas as exhibições ridiculas. Fôra pedir uma morada. Era a da mulher. Alguem lhe dissera que ela se encontrava ainda em França. —Avenue Victor Hugo, 17 bis... Agradeceu e partiu. Era uma manhã de neblina. O frio e a humidade atravessavam os corpos como a agulha atravessa a seda. De gola erguida, chapéu por escovar encafuado até ás orelhas, os pés gelados, a chapinharem o lamaçal dos passeios—lá foi, pela Etoile—em linha recta á direcção que lhe tinham dado.

Fechado dentro dele proprio, ia revivendo todos aqueles anos de Paris, tão rapidamente gastos—deslizando sobre a sua existencia, como um patim sobre a lisura dum «ring». Bem gastos? Mal gastos? Sabia lá... Contudo, tinha que confessar que se equivocara... A sua indole, o seu temperamento, a sua raça não se adaptavam tão facilmente como ele pensava á indole, ao temperamento daquela outra raça. O exemplo de Córa fôra fulminante. Aquelle amor—que durara seis anos, sem enfraquecimento, com um entusiasmo igual em cada noite e que renascia sempre, ao brilhar o sol, como que prometendo um novo misterio e uma nova caricia; aquele amor ao culto de qual tudo sacrificara—mulher, natura, farda, a sua pequena fortuna, até os seus principios de português zeloso, moralão á maneira arabe—trocando-os por outros principios elasticos e occidentais, termina de brusco, sem uma razão, esfarelado pela propria teoria em que se assentava.

Córa, uma manhã, participara-lhe que necessitava falar-lhe com urgencia. O que era? Uma «toilette»? Uma bugiganga? Uma frisa para a nova revista do Mayol? Nada disso! —Sabes, Manuel? Já não te amo. Vamos dar o nosso ultimo passeio e separarmos-hemos para sempre—como dois bons amigos que muito devem um ao outro em ternura e em carinho. Inconscientemente, levado apenas

—Espera... Manuel. E' tudo mentira.



—Peço-te... Nada de scenas...

—Espera... Manuel. E' tudo mentira.

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9

pelo instinto masculino de aparentar firmeza e convicção das teorias amorosas por ambos compartilhadas, Manuel acompanhou-a, beijou-a, separou-se, sem uma frase, sem uma reacção, sem uma attitude, insensibilizado e vazio. Voltou para casa, e pouco a pouco viu-lhe a noção do que se passava, do que perdera... Sentiu-se isolado; sentiu o rufar, cada vez mais distante, de muitas asas—de todas as asas que o aguentavam no tepido paraíso que tinha sido sempre a sua vida sentimental. E agora, que á sua frente se cavavam as duas ausencias, a de Córa

—Espera... Manuel. E' tudo mentira.



—Espera... Manuel. E' tudo mentira.

a de Maria, agora que, na calma da dôr, a podia confrontar, via que precisamente aquela que o tentava agora, como definitiva felicidade da vida era aquela moreninha quasi insignificante, sem espirito e sem imaginação, terna, humilde, submissa, vivendo só para ele, e para sempre. Ao principio teve pudor de aceitar esta ideia—mas ela não tardou a impor-se, cercado-o—atirando o violentamente contra uma tentativa de conquista. Fechou os olhos, fechou o raciocinio, para não perguntar o que teria essa pobre mulher feito, no abandono de Paris—e para Maria se encaminhava agora de braços estendidos, como um cego—como ela, três anos antes, ao procura-lo em sua casa. —Quinze... dezassete... dezoito bis... Não pode ser!...

E não podia ser porque o 17 bis era uma casa apalaçada. De todas as maneiras... premio o botão—e esperou. —Deve haver engano!—pensava. Um criado de libré veio abrir a porta. Examinou-o com extranheza. Manuel pronunciou então o nome da mulher—na certeza que lhe declarariam desconhecida naquella vivenda luxuosa. —Suba, vou preveni-la. Dir-se-hia que alguém injectara a Manuel de gelo. Como? Maria vivia

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9

VARIA

CAS
PALAVRUCUZADAS
passatempo moda

MOINHO
DE
PACIENCIA

SEÇÃO CHARADÍSTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
VISCONDE DA RELVA
16
OUTUBRO
1927

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho—Rua D. Pedro V, 18—Lisboa

Apuramento do n.º 1 (6.ª SERIE)

COLABORADORES
QUADROS DE DISTINÇÃO

Table with 2 columns: Name, Votes. BIXO KNHOTO 10 Votos, N.º 5 10 Votos.

N.º 2 de FRANGERQUE 1 voto
N.º 7, de AVIARDO 1
N.º 14, de IDILIO 1

DECIFRADORES
QUADRO DE HONRA

AFRICANO, BIXO KNHOTO, D. GALENO, DITE, D. SIMPATICO, GABI, HOPE (T. E.), JAMAR, LILI, MAMEGO
Com 20 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

TANAORA, 14 - FIGARO, IDILIO, 12

OUTROS DECIFRADORES
D. PERICLES, 9 - PAUSANIAS, 8 - CAPITÃO BOCHE, RENANDOP, 7 - TANSOS, 5 - GADUROMA 4

DECIFRAÇÕES
1 Mate, 2 Medós, 3 Inda, 4 Sucedemho, 5 MASQUE, 6 Arrasto, 7 Colebio, 8 Rapado, 9 Arravalhado, 10 Bicheiros, 11 Amoresa, 12 Fontoso, 13 Pacapaca, 14 Trifonal, 15 Arsis, 16 Almacega, 17 Abrenuncho, 18 Falsado, 19 Derrichado, 20 Regrado.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS
N.º 2, 9, 13 e 19, respectivamente de FRANO QUE, DITE, GADUROMA e VASCO DIAS, com 10 decifrações cada uma.

DEDICATORIAS
... Nem pia ...

Apuramento do N.º 2—6.ª SÉRIE

COLABORADORES
QUADRO DE DISTINÇÃO

Table with 2 columns: Name, Votes. DITE 6 Votos, N.º 3 6 Votos.

N.º 1, de JAMENQAL 2 votos
N.º 2, de REI FERA 2
N.º 16, de RENANDOP 2

DECIFRADORES
QUADRO DE HONRA

AFRICANO, BIXO KNHOTO, D. GALENO, DITE, GABI, HOPE (T. E.), JAMAR, LILI, MAMEGO
Com 17 decifrações—Totalidade

QUADRO DE MERITO

TANAORA, 11 - FIGARO, IDILIO, 10

OUTROS DECIFRADORES
CAPITÃO BOCHE, PAUSANIAS, 6 - D. PERICLES, 5 - RENANDOP, 4 - D. SIMPATICO, MARIANITA, 1

DECIFRAÇÕES
1 Sorte, 2 Salema, 3 CALIS, 4 Funda-o-ão, 5 Astroso, 6 Oganho, 7 Trespasado, 8 Orelha-redonda, 9, Camida, 10 Omusto, 11 Respondido, 12, Pampano, 13 Clarabola, 14 Causma, 15 Assustado, 16 Venasto, 17 Acuminada.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS
N.ºs 3, 7, 11, 14 e 15, respectivamente de DITE, D. GALENO, GABI, MAMEGO e URLANDO-O-PALADINO, com 9 decifrações cada uma.

DEDICATORIAS
D. SIMPATICO e MARIANITA decifram o que lhes foi dedicado.

Apuramento do n.º 3 (6.ª SERIE)

COLABORADORES
QUADRO DE DISTINÇÃO

Table with 2 columns: Name, Votes. ROSA DO ADRO 10 Votos, N.º 1 10 Votos.

DECIFRADORES
QUADRO DE HONRA

AFRICANO, BIXO KNHOTO, D. GALENO, DITE, GABI, HOPE (T. E.), JAMAR, LILI, MAMEGO
Com 16 decifrações—Totalidade

QUADRO DE MERITO

TANAORA, 10

OUTROS DECIFRADORES
PAUSANIAS, RENANDOP 5 - SOBA DA TORRE, 4 - CAPITÃO BOCHE, FIGARO, 3 - IDILIO, 2 - JAMENQAL, 1

DECIFRAÇÕES
1 VENTOSO, 2 Tamboreil, 3 Emanação, 4 Alvidrade, 5 Frutado, Garabulhas, 7 Picatoste, 9 Amalada p.r. erro de silabas, 9 Empepinada, 10 Tabarito, 11, Tufoso, 12 Infero, 13, Cavaca, 14 Espipa, 15 Jacea, 16 Arrojada, 17 Abrido.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS
N.ºs 4, 5, 9, 10 e 17, respectivamente de AFRICANO, DAMA NEGRA, FRANGERQUE, GADUROMA e SÉFERNE, com 9 decifrações cada uma.

DEDICATORIAS
AFRICANO e JAMENQAL decifram o que lhes foi oferecido.

Secção dirigida por VISCONDE DA RELVA

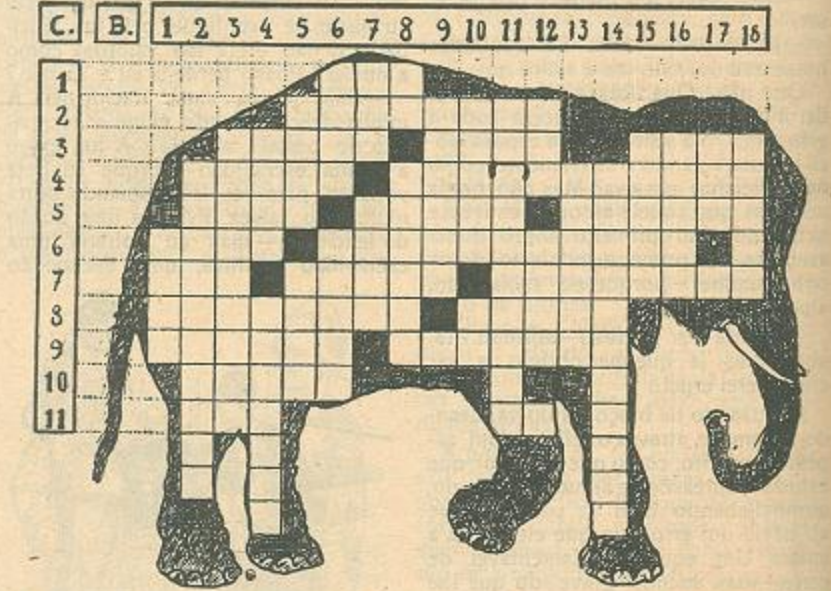
Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho—Rua D. Pedro V, 18—LISBOA

Apuramento do N.º 140 PROBLEMA DE HOJE

DECIFRADORES
Original de «Capitão Boche». Dedicado aos ilustres decifradores.

HORIZONTAIS.—1 «Homem». 2 inaçam em rosto. 3 «quadrúpede de Sofala», Ilusão, «rei da India». 4 «antolope da India», duros. 5 «arma antiga», «cidade da Espanha», mentiras. 6 validade, altura. 7 cal (inv.), o reverso, encantador. 8 pedaços de antenas (nautico), 5 letras de «etagere». 9 gala, poltrão (inv.). 10 assimila. 11 falsa, «interjeição de alegria».

VERTICAIS.—1 «Tatu do Brasil». 2 histórias. 3 «tabaco». 4 gordura da panela, proferir palavras temerárias. 5 «arbusto de Africa», «macaco cinocéfal». 6 «planta do Brasil», foice. 7 notibó, «abuso». 8 contracção de preposição com artigo, persegue. 9 estagnado. 10 «revista-se», duas letras de «pena». 11 postura, naval. 12 mastigue, anagrama de «anil». 13 parte carnosa e posterior da coxa. 14 atravessara com



ça, avo, mar, sa. 16 raios, airão. 17 Rossolis, aspárago.

VERTICAIS.—1 Marapião, rusticar. 2 icaco, toada. 3 na, uro, ria, ago, rs. 4 crete, rosca, Ásias. 5 Aeminium, hierácio. 6 rea, tolerante, acl. 7 rã, ben, ues, ela, si. 8 buson, drava. 9 sob, Pas, bol, lva. 10 Maass, azado. 11 ai, sim, aia, aeo, as. 12 sus, Adelsberg, mip. 13 tanino-so, amainara. 14 anora, eora, parar. 15 la, lia, sai, cic; oa. 16 antulo, calas. 17 obterar, soberano.

multo trabalho. 15 picuinha. 16 da primavera (inv.). 17 mordã. 18 cansado (inv.).
CORRESPONDENCIA
«PAUSANIAS»—Pequenos e grandes, todas as edições. Eis porque não especificamos.
«EDIPO IGNOTO»—O seu problema tem uns pequenos defeitos, sobretudo na falta de distincção entre S e Z, o que dificulta a decifração por um modo incorrecto. Passará pelo retocador...

Salão Lisboa
Abriu este rovo estabelecimento de Barbeiro, Cabelheiro para senhoras e crianças e onde se executam todos os trabalhos de MANICURE com a maior perfeição.
Preços modicos
RUA DO ARSENAL, 56
LISBOA

RETRATOS ARTISTICOS
E DE RAFINÉE
EXECUÇÃO
AMPI
SEPIA
BLOCK-NOTES
Passo a passo a
Fotografia Americana
A Registo Com 16
luzes automáticas
Fotografar em 1/250
30 2/3 segundos
SÓ NA
FOTO-AM
R. REGISTO CI
Tel. N. 3029

VARIA

A bailarina tragica

«O nosso amor...»

CONTINUAÇÃO DAS PAGINAS 6 E 7

DAMAS

Toda a correspondência referente a esta secção deve ser enviada a Arthur Ferreira Santos, para o «Domingo Ilustrado», Rua D. Pedro V, 18

Solução do problema n.º 137

Branças	Pretas
18-23	27-18
21-25	30-21
7-10	14-7
20-24	21-4
24-27	31-34
8-11	15-18
12-3-0-17-31-30-11-29	28-1
19-11	13-6
11-2	

PROBLEMA N.º 138
Pretas 4 D e 4 p.



Branças 2 D e 7 p.

Siem as brancas e ganham.

O problema de hoje foi enviado pelo sr. Mario Domingos Pereira.

Resolveram o problema n.º 136, os srs. José Brandão (Infantina) e Mario Domingos Pereira.

M. D. P. — Os srs. Armando Machado e Miguel Jesus Farnamacho enviaram as suas soluções: No entanto é possível que tivesse havido mais amadores que o decidiram, e os cujos resultados fossem em poder do nosso amigo e do amigo ex.º sr. João Ely Nunes Cardoso.

A bailarina de tragédia, cuja vida não foi, como quasi todas as vidas, um ballado sereno a caminho da morte, acabou tragicamente, como devia... Mas o Mundo inteiro não acreditou na explicação prosaica dessa morte. O Mundo não acredita que o ultimo ballado de Isadora Duncan tivesse por acompanhamento o buzinar dum «auto», numa estrada mansa dos arredores de Nice... Isadora deve ter fugido á vida, contemplando as ruínas da sua arte e da sua beleza.

Isadora Duncan era natural da Califórnia, mas filha adoptiva de Paris, que consagrou a sua genial renovação da arte coreográfica. Apareceu em Paris pelo ano de 1890, vinda de Inglaterra, onde passara despercebida, para não dizer incompreendida. A grande bailarina da época era Loie Fuller, também americana,

lugar no palco do Chatelet, na época em que o grande Rodin, depois de a ver bailar, exclamou: «Isadora Duncan chegou á escultura, á emoção, sem esforço. Conseguiu unificar a vida e a dança!»

Mas dir-se-hia que Isadora, ao inspirar-se na arte grega, que é grande arte da Tragédia, atra sobre si o terrível Ananké ou Fatalidade, dos gregos. A bailarina descalça que bailou ante a Acrópole, que fundou, em Paris, uma escola de dança e cujo supremo sonho era o de criar «beleza» acessível a todos os homens conhecem todas as desgraças. E como a Tragédia tem o seu mais sólido alcece no Amor, Isadora foi uma grande desgraçada amorosa.

Casa com o industrial Sirger, de quem se divorcia, levando consigo os seus dois filhos; Dozie e Patrick. No dia 13 de junho de 1913 o automovel que conduzia as crianças a casa, acompanhadas por uma aia cai no Sena. Isadora é duplamente ferida no seu coração de mãe, porque perde os seus dois filhos. Mais tarde, nas vésperas da grande guerra, quando Paris se agita perante a mobilização geral, Isadora, prestes a ser mãe pela terceira vez, parte para a Russia, condenando á morte, involuntariamente, o filho que em si trazia.

Três anos depois triunfa a revolução russa e Isadora é chamada pelos «soviets» para dirigir uma escola de dança, em S. Petersburgo. Vai, e casa se com um poeta de dezanove anos, Sergio Jessenin, um louco nático, um neurasténico, que se suicida pouco depois.

Isadora fica só, vagueando pelo mundo, em busca dum átomo de felicidade.

Mas nessa pesquisa ansiosa entrava já a preocupação de que só na morte ela seria bem sucedida. Os seus amigos mais íntimos confessam que, desde a tragédia que lhe roubou os filhos, a sua vida não foi mais que um lento suicidio. A gloria tinha-o fugido. Há pouco, vendia por 50.000 francos a sua casa de Neuilly, que quisera transformar em templo da dança. Isadora verificou, em vida, a grande verdade inegável de que não criara uma escola nem deixara discípulos. O seu ensino fóra estéril, porque o que na sua arte havia de novo era obra apenas da sua sensibilidade, dom intransmissível; tudo o mais, era nebuloso e difficil de aprender. Isadora deixa apenas um grande nome e nada mais. O véu que a estrangulou deu fim a qualquer coisa bem mortal: ao corpo duma grande bailarina. Mas deixou vivo um espirito ansioso de beleza que porventura amanhã ressuargirá sob outra forma material. Porque a de Isadora Duncan é das que pouco devem ao estudo e ao trabalho, foi um milagre divino, que pode repetir-se...



A grande bailarina e seu marido, o poeta russo Sergio Jessenin.

a criadora da célebre «dança serpentina» (que foi o ponto de partida dum grande movimento na arte da dança), mas cuja inovação principal fóra a de recorrer a engenhosos jogos de luz. Isadora Duncan quis ressurgir á dança clássica em toça a sua pureza, e, perante uma cidade extasiada, reviveu todas as atitudes graciosas dos frisos gregos e das Tanagras de suaves linhas. A consagração de Isadora Duncan teve

Cursos de explicações

Preparação para exames de todo o curso dos liceus (ciencias e letras).—Habilitação paga depois do exame, não a pagando em caso de não êxito.—Francês, Inglês, Alemão, Instrução Primaria e admissão aos liceus para crianças e adultos.—Curso Commercial completo para formação de guarda livros, agentes e técnicos comerciais.—Os mais modernos metodos de ensino.—Todos os professores são diplomados com curso superior, inscritos nos liceus e rigorosamente especializados.—Os professores de linguas são diplomados com curso superior e especializados nos respectivos países.

Três regimes de estudo á escolha do aluno — Matricula permanente

NOVA ESCOLA PROGRESSO

R. da Palma, 219, 1.º

COOPERATIVA

DOS

Estofadores e Decoradores

Preparada na Exposição do Rio de Janeiro em 1908 com a medalha de prata

Sociedade de Responsabilidade Limitada

ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS DE ESTOFO, TANTO EM NOVO COMO REPARAÇÕES E BEM ASSIM PINTURAS E ENCERADOS DE CASAS

ARMAÇÕES, TAPETES, OLEADOS, MOBILIAS POLIDAS, MOVEIS DE FANTASIA, PAPEIS PINTADOS, ETC.

PREÇOS MODICOS

31, Calçada da Estrela, 33

LISBOA

Telefone T. 39

ali—naquele esplendor? Com que revelação iria ele defrontar-se.

Acompanhou maquinalmente o criado a uma sala fôfa de almofadas, de coxins e de tapetes.

O seu extasi foi cortado pela voz de Maria:

—Manuel?

Voltou-se rapido. Maria sorriu-se-lhe. Estava melhor, mais gorda, com boas côres. Paris refinára-a, estilisara-a, valorisára os seus encantos.

Manuel teve medo. Murmurou:

—Maria... eu.

E numa reviravolta, ansioso, indagou:

—O que fazes tu? De quem é esta casa? Quem a habita?

A mulher franziu o sobrolho, e num serio, replicou:

—Ouve, Manuel: se vens, como amigo, se vens visitar-me—recebo-te sorrindo, e passaremos algumas horas agradáveis—«como amigos». Mas se por acaso sofreste desilusão grave; se o teu «paraizo está com escritos»; se vens buscar apenas uma enfermeira que te trate das feridas que outra abriu no teu peito—retira-te, e não me procure mais...

Manuel, acovardado, na ante-certeza dum irremediavel, repetiu:

—Maria: que fizeste tu?

—Segui os teus conselhos. Busquei o amor e a felicidade. Encontrei-os a ambos—e com todos os comodismos. Durará muito? Durará pouco? Não sei. Dure o que durar—terminado este paraizo outro buscarei e outro encontrarei, descança...

Ele não podia acreditar. Tinha a impressão apenas que asfixiava ali—que um perigo o ameaçava—que era preciso fugir. E aparvalhado, sem coragem para uma replica, correu para a porta, fugindo dos espelhos, fugindo de si proprio. Mas ao chegar ao pátamar, duas mãos pousaram ao de leve sobre os seus ombros. Voltou-se. Era Maria—mas já outra, com aquele sorriso dôce, sorriso de quem saboreia a propria submissão:

—Deixa-me... Deixa-me...—pediu ele.

—Espera, Manuel. E' tudo mentira.

Sou tão digna de ti como sempre o fui. Podia lá ser outra cousa? Para isso falta-me «esprito»... «imaginação»! Esta casa é duma rica familia brasileira que me confiou a educação dos seus filhos pequenos. Não queres crêr? Fiquei sem recursos. Era preciso trabalhar, trabalhar em Paris, não me afastar muito de ti—e honestamente, porque eu amava-te sempre. Se tu és português e só sendo amado com o «nosso amor» podes ser feliz! Por isso tinha a certeza que havias de voltar! E voltaste!

REINALDO FERREIRA

«O Academico»

CURSOS LICEAES

LINGUAS

Instrução Primaria

Directores: — Dr. Avelino de Figueiredo

Capitão J. Pedro da Silva

R. N. do Almada, 53, 3.º — Telef. C. 1730

XADREZ

A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literário, Rua Ivens, n.º 37

N.º 144—PROBLEMA

Por P. Oamage
(Tidskrift for Schack, 1911)

Pretas (7)



Branças (9)

Mate em dois lances

Solução do problema n.º 143

[Ellerman]

1 R a 5 - a 6

CAMPEONATO DO MUNDO.—7.ª partida (Capablanca com as brancas).

Capablanca ganha em 36 lances.

8.ª, 9.ª, 10.ª: empataadas.

Situação: Capablanca: 2; Alkhhine: 1.

TORNEIO EM LONDRE:—Premiado por um club inglês está-se realizando um importante torneio de mestres com os seguintes inscritos: V. Burger, Fairhurst, Sr G. Thomas, W. Winter e Yates (ingleses); Bogoljuboff, Nimzovitch, Colle, P. J. Marshall, Réu, Dr. Tartakover e Dr. Vidmar.

ESCOLA PARISIENSE

Avenida Almirante Reis, 43

NESTE acreditado Colegio que teve todas as alunas aprovadas, recebem-se meninas internas, semi-internas e externas. Optimo tratamento. Está aberta a matricula para todas as disciplinas.

actualidades graficas

UMA ERUPÇÃO NO VESUVIO

NOVO RECORD DA AVIAÇÃO



Foi batido por esta simpática velhinha inglesa, com os seus 92 anos de idade. É a passageira de mais idade que tem cruzado o espaço.



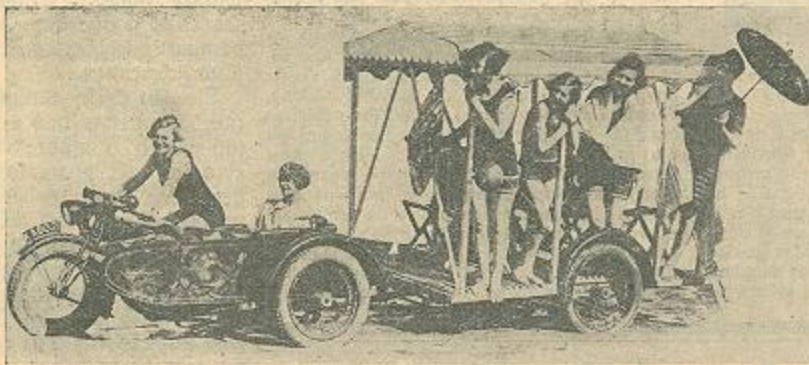
Nada mais grandioso do que o espectáculo duma columna de fogo saindo do seio da terra. Este é um dos aspectos que toma a parte norte da cratera do grande vulcão.

A EXPLOÇÃO DE UMA BOMBA EM NEW-YORK



Na civilisadissima America tambem reventam bombas... das que deitam predios abaixo. Esta foi deitada como protesto contra a execução de Sacco e Vanzetti e derruiu o edificio do jornal da «Ku-Klux-Klan».

O MODERNO CARRO DE BANHO



Nas praias inglesas, baixas e longas, appareceu este ano este curioso veiculo para transporte de banhistas gentis. É uma das infinitas variedades de desporto nas praias que lá fóra estão tanto em voga.

UM PROTESTO CURIOSO



Um conhecido compositor de New-York, como protesto contra a sem-cerimonia com que sua mulher retoca a sua maquilhagem, faz a barba ao lado dela, no camarote dum teatro.

OURIVESARIA J. M. & PEDRO FRAGA



A fachada da magnifica joalheria e ourivesaria da Rua da Palma, 82, casa que continua respeitando e seguindo as suas tradições de impecavel e artistica execução.

UM RECIAME DE EFEITO



Oito lindas raparigas debaixo do mesmo chapéu, fazendo reclamo duma casa de modas.

OS PRINCIPES ACTORES



Ha actores de cinema que fazem de principes. Fazendo de actor de cinema, só um principe: o principe de Gales, numa das cenas do film in-

PUBLICIDADE



Hanomag

O carro mais barato

O CARRO MAIS ECONOMICO
4 LITROS AOS 100 KILOMETROS

Representantes para Portugal e Colonias:

V.ª Ferrão, L.ª

L. Conde Barão, 27-30

CASA VELOCIPEDICA

DE José Antonio de Magalhães

Bicicletes, Motocicletes, Pneus de moto, Pneus de bicicletas, Camaras d'ar, Acessorios de bicicletas, Oficina de reparações, Acessorios para motos Arley e Indian, Artigos de "Foot Ball".

LARGO DA ANUNCIADA, 18—LISBOA

Hotel Restaurant Bela Vista

RUA S. PEDRO D'ALCANTARA, 51 a 55

Celas toda a noite

QUADROS COM LINDA VISTA PANORAMICA

Esmerado serviço de cozinha

Gerencia a cargo de: José Eduardo Rodrigues RECEBEM-SE COMENSAES

**Ser elegante e economico!
Eis a questão.**

Para isso basta vêr tecidos e preços na Casa GOMES, FERNANDES & FERREIRA, L.ª
ALFAIATES-CAMISEIROS

RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 65 A 71

**HOTEL LUSO-ITALIANO
PAREDE**

(LINHA DE CASCAIS)

**ABERTO TODO O ANO
SERVIÇO DE RESTAURANT—CHAS
Constantino Molle**

FUNERAES TELEF. 1094 N.

DOS MAIS SIMPLES AOS
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES
PARA TODOS OS CEMITERIOS.
PROVINCIA, ETC.

URNAS.
ARMAÇÕES.
COROAS, ETC.

PREÇOS REDUZIDOS

SERVIÇO PERMANENTE

131. R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA:
RUA DOS ANJOS, 139, 2.º E.

LISBOA

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

**Curso Pratico
de
Guarda-livros**

ABILITAÇÃO GARANTIDA

NO

INSTITUTO LUZITANO DE COMERCIO

*Unico em Portugal com a verdadeira
pratica*

RUA DA PALMA, 164, 1.º

(Junto ao Teatro Apolo)

TELEFONE NORTE 3453

AUTOMOBILISTA



160, Rua Alves Correia, 160

LIMITADA

LISBOA

Sempre o maior sortimento de accessorios para automoveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telegrafico: AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte

Instituto «DELTA» Edificio do Ateneu Commercial de Lisboa
RUA EUGENIO DOS SANTOS

Director: — ANTONIO TEIXEIRA FERREIRA

Está aberta a inscrição de alunos de ambos os sexos para o curso completo dos liceus e Curso de Educação Física (Gymnastica methodo Ling, Esgrima, Natação, Water-Polo e qual-quer outro genero de Sport) orientado tecnicamente pelo capitão-tenente Peres Murinelo.

Este INSTITUTO dá a maxima garantia aos pais, levando todos os anos os seus alunos a exame, classe por classe, a qualquer liceu do país e restituindo a anuidade, incluindo o dinheiro da propina, caso o aluno fique reprovado.

Só se recebem alunos externos e para mais esclarecimentos dirigir-se pessoalmente ou por carta ao Director do Instituto.

Instituto Commercial Lisbonense

(Antigo Pereira de Sousa)

Telefone [C. 1730 — RUA NOVA DO ALMADA, 53, 3.º

Aulas noturnas e diurnas para ambos os sexos.—Curso de Guarda-livros e Commercial. CURSOS ESPECIAIS—Industrial, comissões e consignações de correspondentes.—Curso de habilitação rapida para adultos.—O curso mais simples compreende calculo, escrituração e calligrafia.—Instrução Primaria.—Conferem-se diplomas aos alunos aprovados.

Matricula permanente.

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ASSINATURAS

CONTINENTE E ESPANHA
ANO - 48 ESCUDO 1 -
SEMESTRE - 24 SSC -
TRIMESTRE - 12 SSC -

ilustrado

ASSINATURAS

COLONIAS
ANO, 52x20 - SEMESTRE, 26x10
ESTRANGEIRO
ANO, 64x64 - SEMESTRE, 32x16

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



**Uma mulher como ha poucas!
e um homem como ha ainda menos!!**

Uma rapariga de nome Maria Amelia, costureira de sua profissão, vendo-se abandonada pelo homem com quem vivia, um carteiro, esperou-o numa azinhaga e aplicou-lhe uma valente sova de pau. O D. Juan foi queixar-se á Policia, depois de ter ido receber o curativo...